



## RESENHA: A CEGUEIRA, O DIREITO E A PAIXÃO

Pedro Marcos N. Machado<sup>1</sup>

Loren Dutra Franco<sup>2</sup>

A presente resenha, usou como referência o texto, "Direito e Paixão", de Luís Roberto Barroso, Professor Titular de Direito Constitucional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Há muito tempo eu estava pensando em colocar no papel os sentimentos que me empurravam para frente, mas depois de ler o texto "DIREITO E PAIXÃO" do professor Luís Roberto Barroso<sup>3</sup>, veio à confirmação e a razão para esta resenha. O texto me fez viajar nos pensamentos e pude verificar o que nos movimenta é o sentimento de paixão, não só a paixão relacionada aos sentimentos da emoção ou do psicológico, mas a garantia e a segurança das normas jurídica do Direito, que abre na minha vida um leque de opções profissionais.

O professor Barroso, apresenta de forma clara e precisa a antiga atuação excludente do direito, no trecho: "O pensamento intelectual e, mais notadamente, o pensamento jurídico, por longo tempo, guardou-se isolado numa auto-suficiência excludente, que limitava o seu objetivo e, de certo modo, amesquinhava o conhecimento que produzia. O formalismo e o positivismo jurídicos, sem embargo de sua justificação histórica [...]"

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Direito das Faculdades Integradas Vianna Júnior.

<sup>2</sup> Mestre em Direito e Políticas Públicas pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB-Brasília).  
Professora de Direito das Faculdades Integradas Vianna Júnior.

<sup>3</sup> BARROSO, Luís Roberto. Direito e Paixão. Mundo jurídico. Jul. 2002. Disponível em: "[www.mundojuridico.adv.br/cgi-bin/upload/texto062.rtf](http://www.mundojuridico.adv.br/cgi-bin/upload/texto062.rtf)" Acesso em: jan. 2014.

Como podemos ver o conhecimento do direito, não era para qualquer mero mortal, tornando os indivíduos aplicadores das normas Jurídicas, veneráveis cidadãos e sem sentimentos de amor, ou paixão pelo cliente ou pelo direito, mas depois das leis de inclusão social, até os deficientes físicos tiveram meios facilitadores de acesso nos vários ambientes da sociedade.

A empolgação com o texto, me fez esquecer de falar da minha condição física, sou deficiente visual e estudante do curso de direito da Faculdade Vianna Junior, localizada em Juiz de Fora-MG.

Quando comecei o curso de direito, estava sentindo que o mundo era dividido em dois, um de pessoas cegas e outro de pessoas que enxergam, porque as barreiras pareciam intransponíveis, mas os videntes do meu meio estudantil, me apoiaram e a paixão pelo conhecimento só tinham que crescer.

Gosto de estar com pessoas que enxergam, porque os videntes, mostram para nós o mundo que não podemos ver com os olhos, assim eles aprendem conosco e nós aprendemos com eles.

Esta troca de experiências possibilita as pessoas a se conhecer, verificando que estamos no mesmo barco, neste contexto podemos perceber que o autor encontrou na paixão os motivos que alimentam e organizam a sociedade nos mais variados tipos de sentimentos.

Concordo com autor que o sentimento de paixão é uma relação de muita intensidade e o de amizade com liberdade, mantém a balança do amor em equilíbrio, esta comparação podemos encontrar no texto em: "A paixão, que é a expressão de um sentimento ou de uma emoção, sempre intensos... os sentidos passam pela glória, pelo medo, pela inveja, pelo ciúme, pela cobiça, pela amizade, pela liberdade."

No início da minha cegueira custei a entender as mudanças que a vida me impunha, só tinha espaço para lembranças dos momentos passados, que pareciam um filme composto somente de momentos belos e aprazíveis.

Hoje, posso perceber que, são dois mundos, separado por uma grande parede, seria muito legal se esses dois mundos se juntassem e se transformar-se em um só mundo. Mas tem essa parede no meio que impede isso. Essa parede é a parede da falta de informação, difícil de ser quebrada. Por trás dessa parede, estão as colunas de insegurança, algumas pessoas que enxergam, tem medo de dizer ou de fazer alguma coisa errada. Muitos não sabem como devem dizer se é cego ou deficiente

visual, se é surdo ou deficiente auditivo, se é deficiente ou especial. Algumas pessoas que enxergam não sabem como escrevemos, como usamos o computador, tudo isso, por causa da falta de informação. Na internet informação é o que não falta, mas nem todo mundo tem acesso.

Alguns videntes acham que não somos felizes, que temos uma vida triste, que o nosso mundo é escuro e nublado, quase como dia chuvoso. Segundo a escritora Maria Rita Kehl (apud BARROSO, 2002):

a paixão é representada como o momento fulgurante - mas impossível - do encontro entre duas pessoas, enquanto o amor é visto como a água morna do dia-a-dia cinzento, com o qual somos obrigados a nos conformar.

Quando eu ainda tinha baixa visão, reclamava de coisas simples, que qualquer vidente faz quase automaticamente, achava que as cores da televisão não estavam boas e regulava as cores para que pudesse ver algumas sombras e tinha a sensação de estar vendo a TV nitidamente.

Depois que eu perdi totalmente a visão, parei de reclamar, aprendi a valorizar o que eu tinha, estava no meio acadêmico e cada dia mais, me apaixonava, sentia o calor das pessoas que me apoiavam, tais como os funcionários, colegas de classe e os professores da faculdade. Descobri que no mundo acadêmico a paixão que nos move aqui na academia, é a paixão intelectual, a paixão do conhecimento. Nós vivemos do pensamento. E a tarefa do pensamento, como observou Roberto Mangabeira Unger, (apud BARROSO,) "é a de confortar os aflitos e afligir os confortados".

No texto, Barroso faz alusão ao direito com tanta veemência, que parece ser cego. Ele fala do direito, como forma de expressão humana, envolve criação, sentimento, estilo. Mas ele nos faz lembrar que o direito é carrancudo, sisudo com as normas jurídicas, fortes e firmes, buscando as soluções de conflitos com imparcialidade, mas ao mesmo tempo, o direito é repleto de compaixão e busca resolver discórdia sem olhar para os lados. Nesta relação podemos verificar que o direito não faz distinção dos videntes, porque os cegos sabem que o mundo não é feito para nós.

As autoridades, legisladores se preocupam com as pessoas que enxergam, talvez tenham esquecidos dos deficientes visual, porque as legislações que nos favoreceriam não são aplicadas ou supostamente conferidas.

Em passagem, citada por Ferrara ( apud BARROSO) constatou Bhering que "com um saber moderado pode-se ser um jurista distinto; e nunca chegar a sê-lo, tendo-se, embora, um conhecimento vastíssimo."

Esta citação, nos leva a interpretar que as paredes da ignorância e intolerância das pessoas que enxergam, se erguem no caminho dos cegos, impedindo o seu avanço e tentando frustrar a sua ascensão, mas quanto mais alta é a parede, mais alto é o salto que o cego tem que fazer, na vida temos que conviver, porque dependemos de auxílio até para comprar um produto qualquer, imagina para atuar como jurista, no papel de advogado cego.

Sei que o mercado de trabalho não favorece aos deficientes físicos, principalmente os visual, onde os tribunais não estão preparados para atender as necessidades dos cegos, as autoridades que se preocupam com a acessibilidade das pessoas criando rampas e corrimão nos espaços públicos, mas no meu entender, acessibilidade é mais, ela passa por liberdade em executar algo que me faça produtivo, gostaria de viver as mais diversas experiências, mas vou achar onde eu possa aproveitar meus conhecimentos adquirido durante o curso.

A escolha do bacharelado de direito, está atrelado ao conhecimento de que o direito, é filosofia, sociologia e ciência, ou seja, ele tem nuances, tem brechas que permitem que dentro dele se desbrave um espaço importante de luta. Luta pelas liberdades individuais, pela aproximação das pessoas, pela democratização das oportunidades. Se assim não fosse, se o Direito não pudesse ser, em alguma medida, instrumento de libertação e de humanização, não haveria sentido em estarmos aqui.

Segundo Barroso, o Direito é ciência, o Direito é técnica. É preciso conhecê-lo o instrumental teórico e prático. Mas é preciso ter convicções límpidas e colocar o conhecimento a serviço das causas em que se acredita. É preciso ter paixão e compaixão. Assim, depois de tantas descobertas e oportunidades, porque que eu vou reclamar da vida se a minha deficiência não me impede de fazer o que os videntes também fazem. Fazendo uma comparação entre eu e as pessoas que enxergam, pude perceber que as diferenças são quase imperceptíveis, pois o mundo em que vivemos é o mesmo. As pessoas que enxergam escrevem, eu também! Usam o computador e eu também, namoram e eu também, usam o celular e eu também!

É claro que não é fácil descobrir as suas novas habilidades, é preciso de várias pessoas para te dar apoio, eu tive, mas agradecer seria muito difícil, mas vou tentar.

À minha mãe, com seu incansável cuidado, preocupação e amor por mim. Aos meus filhos e neto, Matheus, Débora, Daniel, Davi e meu genro Josué por fazer parte da minha vida. Aos meus irmãos, Samuel, Cristiane e filhos, Aldir, Izabeli e filhos, pela alegria de nos encontrar em momentos especiais. Aos meus amigos, Francisco, Zito, Denis, que acompanharam a progressão da minha deficiência visual.

No meio acadêmico, não faltou apoio dos colegas como Bruno e Gabriel, os parceiros de trabalhos escolares, Maria Aparecida, Cristiane e Pedro, das conversas descontraídas, da Poliana por sua franqueza e vergonha em não saber como falar com um cego.

Na faculdade é impossível descrever a atenção dispensada para que eu vença as barreiras, mas escolhi uma em especial para representar todo o quadro de funcionários, a namoradeira do Jequitinhonha, Mariana, que me exige e me dá força nas lutas.

Os professores são um caso especial. Eles são os maestros e despertadores do conhecimento representados por Zamira, com seu prazer de ensinar os primeiros passos do direito. A professora Loren, com seu cuidado em mostrar as instalações da faculdade e preocupação em minhas superações. A professora Ivone, com a sua vermelhidão do Marxismo e o Lulismo socialista e o João Luís, maestro e motorista da viagem da desconstrução da ciência.

Algumas pessoas que enxergam, olham com pena, mas me responda uma coisa: será que tenho direito de desapontar as pessoas que me apoiaram e apostaram no meu sucesso, e então porque devo sentir pena da minha vida. Pena resolve alguma coisa? O que nós, deficientes visuais, precisamos é de oportunidade para mostrar que somos capazes.

Assim, concluindo, podemos observar que o professor Luís Roberto explorou todas as nuances do Direito, mostrando aos deficientes, sem fazer distinção de suas carências físicas, aparentes ou não, derrubando as pilastras da intolerância e do preconceito, paradizando suas palavras em, "... creio no amor apaixonado e cúmplice, que supera a paixão narcísica de cada um. O amor sublime, que não exige o ...", estas palavras cheias de força me impulsionaram para frente.

Poderia ficar horas repetindo as palavras do texto, buscando os estímulos e barreiras, que o mundo nos coloca afrente, mas Luís Roberto Barrozo escreveu algo

que transmite toda a minha empolgação e paixão pelo seu artigo em, "as palavras, para o Professor, para o advogado, para os operadores do Direito, em geral, são feitas para persuadir, demover, incentivar. Não basta sintaxe. Não basta ortografia. Não basta semântica. É preciso paixão."

Sem mais, obrigado a todos os incentivadores e maestros do conhecimento na figura do orquestrador dos verbetes "Luís Roberto Barrozo".

### **REFERÊNCIAS**

BARROSO, Luís Roberto. Direito e Paixão. Mundo jurídico. Jul. 2002. Disponível em: "[www.mundojuridico.adv.br/cgi-bin/upload/texto062.rtf](http://www.mundojuridico.adv.br/cgi-bin/upload/texto062.rtf)" Acesso em: jan. 2014.